

Domingo,
Maputo,
28 de Agosto
de 1983,
pág.3

Mais uma vez Pretória



Local da Mina de Morrua, onde se desenrolou o último acto de agressão dos agentes do regime nazi-fascista de Pretória

O criminoso ataque de há uma semana contra a mina de Morrua, na Província da Zambézia, onde fo-

ram assassinados e raptados cidadãos nacionais e estrangeiros pelos bandidos armados que também des-



Os crimes dos agressores sul-africanos e seus agentes só podem aumentar o nosso ódio profundo contra eles e a nossa determinação em construir um futuro de paz, e felicidade para o nosso povo

truíram edifícios e equipamento e saquearam bens da empresa e da população, demonstra uma vez mais o ódio do inimigo contra o nosso Povo, a obstinação do regime nazi-fascista de Pretória em tentar impedir a consolidação da Nação moçambicana e travar o desenvolvimento económico e social da nossa Pátria independente e socialista. São estes objectivos e a natureza do inimigo que explicam que tenha sido escolhido, mais uma vez, um alvo civil, uma unidade de produção e as vítimas sejam simples trabalhadores moçambicanos e técnicos cooperantes estrangeiros.

É isso que se depreende através dos depoimentos, que alguns dos sobreviventes do ataque à Morrua fizeram há dias à informação:

— O complexo mineiro de Morrua é uma das frentes onde estamos a travar a difícil batalha pela melhoria do nosso bem-estar e do nível de vida, para acabar com a fome e o subdesenvolvimento;

— Duas das vítimas do ataque eram trabalhadores moçambicanos, cujo único crime é precisamente o facto de serem patriotas, identificados totalmente com os interesses do seu Povo por cuja felicidade e tranquilidade lutavam e trabalhavam naquele centro de produção;

— As outras duas vítimas eram cooperantes que dentro da sua especialidade (geologia) contribuíam com os seus conhecimentos para desenvolver os recursos minerais do nosso País, e cujo único crime é colaborar com connosco na luta para marmos a fome e a miséria.

O ataque à Morrua faz parte da estratégia global de desestabilização levada a cabo pelo regime nazi-fascista de Pretória não só contra Moçambique, como contra outros países independentes da África Austral. Sma-se a uma já extensa lista de agressões e crimes perpetrados quer na Matola, quer em Maseru, quer em Angola, onde as forças sul-africanas ou seus agentes assassinaram pessoas indefesas. As suas vítimas são precisamente civis, mulheres e crianças que são raptadas ou assassinadas em puro acto de terrorismo.

Por outro lado, segundo o demonstram as últimas acções dos bandidos armados, criados, financiados e dirigidos pelo regime racista, os cooperantes, sejam de que naciona-

lidade forem, tornaram-se também um dos alvos preferidos, não só para desencorajar a nossa cooperação técnica, mas também conseguir efeitos propagandísticos para os seus faccios. Ou, conforme já foi denunciado pelo Governo da República Popular de Moçambique, para tentar provocar o alargamento das forças envolvidas na guerra não declarada que os racistas movem contra os povos da África Austral.

Engana-se o regime nazi-fascista de Pretória se pensa fazer-nos abdicar da nossa própria identidade nacional; abandonar a luta pelo nosso próprio bem-estar e a nossa felicidade. E os trabalhadores de Morrua, uma vez mais, deram uma lição de determinação exemplar, tal como nos revelaram os entrevistados, apesar de numericamente inferior e mal armada, a pequena força miliciana que fazia a protecção à mina resistiu heroicamente aos atacantes, tendo deste modo permitido que outros companheiros, e principalmente mulheres e crianças, pudessem fugir da zona e procurar refúgio em locais mais seguros;

— Pouco depois do ataque dos bandidos armados, os sobreviventes reorganizaram-se rapidamente e retomaram as suas actividades, incluindo as de produção, reiniciadas logo na segunda-feira seguinte.

No geral, as atitudes foram de grande lucidez e de uma coragem invulgar. Muitos trabalhadores tomaram logo posições junto do equi-

pamento que tinha ficado a trabalhar, disse Mário Dinis Deus, geólogo moçambicano.

Mas estas provas de determinação e de patriotismo não se circunscrevem aos trabalhadores afectados. Foram imensas as provas de solidariedade e o apoio recebido da população, pelo que conseguiram abandonar o local da mina, ainda durante o ataque.

Durante a minha fuga — depôs Manuel Valente Ernesto, técnico agro-pecuário também ligado à empresa mineira — fui alvo de manifestações de hospitalidade e solidariedade que jamais esquecerei. Camponeses deram-me todo o tipo de apoio que podiam: desde água, à mandioca cozida, passando por abrigo, agasalhos e todo o tipo de informação sobre a situação inimiga na zona. Valente Ernesto percorreu cerca de 70 quilómetros até uma localidade onde se apresentou às autoridades, após o ataque dos bandidos armados à mina.

Que mais exemplos que aqueles, para demonstrar a nossa firmeza e determinação em resistir, levar ao fim a nossa missão patriótica e revolucionária!

O Povo moçambicano quer construir a sua felicidade e bem-estar, a paz e a tranquilidade. Enganam-se os racistas de Pretória se pensam poder destruir esta determinação inabalável. O regime racista e os seus lacaios terão no fim que merecem que é o de todos os criminosos, inimigos da Humanidade: a morte.



Dois técnicos moçambicanos que conseguiram fugir durante o ataque dos bandidos armados: Valente Ernesto e Mário Dinis, agro-pecuário e geólogo, respectivamente